

CAPÍTULO 8

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: FAMÍLIA COMO LUGAR DE VULNERABILIDADE NOS LIMITES DO JORNAL GAZETA DE ALAGOAS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.916112518038>

Data de aceite: 01/09/2025

Jéssica Raphaela Nogueira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

– Cidade de Maceió/Alagoas

Faculdade de Serviço Social – FSSO

<http://lattes.cnpq.br/3325643926017027>

Rafael Vieira de Britto Paulino

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

– Cidade de Maceió/Alagoas

Instituto de Ciências humanas,

Comunicação e Artes – ICHCA

<http://lattes.cnpq.br/5664867368757451>

RESUMO: O presente trabalho buscou examinar a violência contra a crianças e adolescentes, entendendo a família como um espaço percebido pela vulnerabilidade, e investiga as limitações e modos de abordagem do jornal Gazeta de Alagoas sobre o tema. Enfatizou-se o papel da mídia impressa na conformação das representações sociais relativas à violência, ressaltando que o periódico associa a pobreza como principal fator determinante da violência no contexto do Estado de Alagoas. Por conseguinte, discutiu-se os interesses editorial e as estratégias do Gazeta de Alagoas, por meio dos quais se constrói um discurso jornalístico direcionado

a um público com maior poder aquisitivo, o que contribui para a perpetuação de estigmas e a distância social, sobretudo em relação às famílias em situação de maior fragilidade. O trabalho fundamenta-se em referenciais teóricos acerca de discurso, poder e contexto, com base em autores como Dijk, Foucault e Bourdieu, visando compreender as interações entre imprensa, família e violência. Destacou-se a complexidade das relações intrafamiliares, transpassadas por percepções culturais, sociais e econômicas que revelam a invisibilidade e marginalização de grupos específicos. Buscou-se, assim, fomentar uma reflexão sobre as representações midiáticas da violência doméstica e suas implicações para o debate público e as políticas de proteção dos infantes em Alagoas.

PALAVRAS CHAVES: Violência. Família. Análise do Discurso. Infantes. Suplício.

VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND ADOLESCENTS: FAMILY AS A PLACE OF VULNERABILITY WITHIN THE LIMITS OF THE NEWSPAPER GAZETA DE ALAGOAS

ABSTRACT: This study examines violence against children and adolescents, framing the family as a space of structural vulnerability. It analyzes how the newspaper *Gazeta de Alagoas* represents this issue, frequently associating poverty with the root causes of violence in the state of Alagoas. The research highlights the historical and social role of the printed press in shaping public perceptions, often through discourses that stigmatize marginalized communities. Editorial choices and communicative strategies in *Gazeta de Alagoas* appear directed toward readers with greater economic capital, reinforcing symbolic boundaries and contributing to the social distancing of vulnerable families. The analysis is grounded in theoretical perspectives from van Dijk, Foucault, and Bourdieu, focusing on the intersections between media discourse, power structures, and family dynamics. The study also explores the complexity of intrafamilial relations, which are shaped by historical, cultural, and socioeconomic factors that contribute to the invisibility and marginalization of specific groups. By doing so, it aims to foster critical reflection on media portrayals of domestic violence and their broader implications for public debate, historical memory, and the development of child protection policies within the Brazilian social welfare system.

KEYWORDS: Violence. Family. Discourse Analysis. Infants. Torture.

A ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA – O ROMANTISMO NA PERCEPÇÃO

A construção social da família (Ariès, 2012) perpassa uma série de dimensões estruturais e parâmetro culturais para concebê-la enquanto uma instituição formal. Os sujeitos mínimos para que se contemple uma família – nos moldes tradicionais advindo do processo de formação histórica (Faria, 2011) – são o homem, na figura do pai, e a mulher, enquanto a mãe.

A família tornou-se uma sociedade fechada onde seus membros gostam de permanecer, e que é evocada com prazer [...]. Toda a evolução de nossos costumes contemporâneos torna-se incompreensível se desprezarmos esse prodigioso crescimento do sentimento de família. Não foi o individualismo que triunfou, foi a família (Ariès, 2012, p. 190).

O autor trabalha, portanto, a importância da instituição intrafamiliar para a estruturação social e, por consequência, ratifica as inferências mútuas na cultura. No azo dessa acepção, corrobora-se uma relação em recorrência de atividade, na qual a família é transpassada pela cultura e os costumes (Thompson, 1998, p. 13-14), e estes, por sua vez, são tangenciados pela instituição família.

No azo do entendimento sobre as funções sociais da família, primeiramente, existe a necessidade de aceitação pela comunidade na qual a determinada família está inserida. Nesse aspecto em particular é o instante preciso no qual há as interferências mútuas –

como fora supracitado no parágrafo anterior –, e para além do casamento e da busca de uma felicidade conjugal, espera-se que a família prospere – tenha filhos.

A família tornou-se restrita aos espaços privados, individualista, conjugal e diferenciada do resto da comunidade, além de passar a contar, dentro dela, com a diferenciação de seus membros [...]. Em períodos anteriores, orientava-se para o espaço público, com o comportamento cotidiano mais ligado aos aspectos produtivos, à vizinhança e a sociabilidade, refletido na própria construção das moradias, onde dificilmente a privacidade poderia ser encontrada (Faria, 2011, p. 238).

Ao que concerne à dinâmica intrafamiliar – ao que versa a temática do presente artigo, ‘violência (Bobbio et. al, 2000, p. 1293; Chauí, 2021) contra crianças e adolescentes’ –, as crianças encontram-se como o esforço concêntrico ao funcionamento da instituição. Nesse sentido, significa propor que os infantes determinam, de forma indireta a partir de suas necessidades por estarem em formação – educacional (Foucault, 2014b, p. 133) psicológica (Han, 2017a; 2017b; 2019) e comportamental (Thompson, 1998, p. 86; Foucault, 2020, p. 92) –, quais as funções conjuntas e específicas dos sujeitos do núcleo familiar, os pais.

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social, conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior (Ariès, 2012, p. 195).

Nesses contextos, prepondera-se, portanto, que a ‘relação de poder’ (Foucault, 2005; 2013a; 2013b; 2014a; 2014b; 2020) que perpassar o ambiente intrafamiliar comprehende-se à luz das funções específicas dos genitores – centralizando as perspectivas nos filhos. No azo dessa acepção, a partir das funções suscitadas nas linhas anteriores, as mães se encontram mais próximas dos filhos do que o pai, o que significa dizer que o papel social construindo em torno do imaginário histórico sobre a família e perpassado aos dias atuais. Nesse ínterim, a possibilidade do exercício de poder versa-se ao homem (Saffioti, 2015, p. 53) depois à mulher (Bourdieu, 2020, p. 20) e, destarte, ao infante apenas lhe resta o lugar de vítima/agredido/submissão (Dijk, 2018, p. 42).

Na construção estrutural da família encontram-se uma segmentação de poder em relação com as partes componentes na qual é perpassado para as demais famílias de uma mesma comunidade e, portanto, de identidade entre as mesmas. A vista disso, existia uma distância entre as famílias que compõem uma comunidade e, por conseguinte, há uma ‘não interferência’ nas dinâmicas particulares entre esses grupos.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2020, p. 24).

Na citação supracita, Bourdieu (2020) prepondera em recortes à estrutura na qual a família e as possibilidades do exercício de poder encontram-se alicerçada, contudo, aponta para as funções específicas e, consequentemente, compenetra-se da interseção de vários fatores tangenciais (Crenshaw, 2020) que produzem lugares invisíveis à sociedade. Por fim, como a imagem basilar acerca da família é idealizada no imaginário da sociedade – costumes e cultura (Thompson, 1998, p. 13-14) –, privacidade e insegurança são dois conceitos que se manifestam a partir da interpretação da realidade dos sujeitos envolvidos na construção da estrutura intrafamiliar (Paulino, 2023, p. 18).

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NO PERIÓDICO¹ GAZETA DE ALAGOAS

Ao tratar da possibilidade de interpretação e compreensão sobre a violência à vista do dispositivo da imprensa em Alagoas, a partir das páginas e matérias do jornal *Gazeta de Alagoas*, Paulino (2023, p. 77) traz:

A postura do periódico carregava em suas linhas, direta ou indiretamente, interesses que versava apontar a opinião pública em direções de sentidos específicos. A *Gazeta de Alagoas* alicerça em suas páginas realidades que a população demandava interesse em debater e/ou resolver, portanto, há um mecanismo estratégico do periódico ao inferir em temas do cotidiano de Alagoas priorizando algumas necessidades em detrimento de outras. Consequentemente, se estabeleceu uma relação entre este periódico e a mídia tendo resultantes diretas sobre as preocupações da população e que temáticas detinham maior importância para debate/intervenção do estado de forma imediata. Entretanto, ressalta-se que as necessidades da população nem sempre foram consonantes das trazidas nas reportagens evidenciadas pela mídia e corroboradas pela opinião pública.

¹ Nesse aspecto a imprensa funciona para indicar os interesses dos que detém o poder e, consequentemente, tem por objetivo a sua manutenção. É através dos meios de comunicação à população que propaga-se quais intenções determinado grupo tem com a veiculação de algo, como por exemplo, tratar de expor um bairro como perigoso irá fazer com que o comércio do lugar decline, os moradores sejam caracterizados de determinada forma pejorativa, etc.

A caracterização do periódico trazida pelo historiador transporta os sentidos interpretativos sobre os conceitos ‘contexto²’, ‘discurso³’, ‘imprensa⁴’ e ‘conteúdo⁵’. Na conjuntura dessa interseção há possibilidade de preponderar sobre as formas nas quais a violência é exercida no estado de Alagoas, as características particulares que são empregadas aos dispositivos de proteção nesse território e o entendimento da população aos determinantes e catalisadores.

Ressalta-se, todavia, a presente seção se apoia na pesquisa feita pelo historiador Rafael Vieira de Britto Paulino (2023) no trabalho final de mestrado no qual perpassou o periódico *Gazeta de Alagoas*, contudo, apesar de tratar da violência no Estado de Alagoas, o enfoque foi o exercício de poder sobre as mulheres, outrossim, o trabalho de pesquisa da assistente social Jéssica Raphaela Nogueira dos Santos⁶ (2025) que será submetido para seleção de pós-graduação e versa sobre a violência contra os infantes em Alagoas – evidenciando, assim, como as temáticas são próximas e, consequentemente, têm as análises à luz do mesmo corpo documental, *Gazeta de Alagoas*. À vista disso, nos limites de ponderações sobre o título ‘Violência Contra Crianças e Adolescentes: Família como Lugar de Vulnerabilidade nos Limites do Jornal *Gazeta de Alagoas*’, a hipótese basilar para interpretação do corpo documental perpassa o entendimento acerca do alcance do *Gazeta de Alagoas* e a interrelação com a estrutura intrafamiliar. Ainda sobre o periódico, Paulino traz:

Ao percorrer e analisar as notícias da seção ‘cidades’ do jornal *Gazeta de Alagoas* é, sobretudo, conhecer os interesses, desejos e necessidades de seus leitores, essencialmente aqueles com maior poder aquisitivo em Alagoas e perceber os mecanismos que esse periódico utilizou para que a população se tornasse informada dos acontecimentos dentro do estado e, portanto, esteja em ciente dos espaços de maior periculosidade e os locais que mais são vítimas da violência pública. Isto posto, significa dizer que os pobres estavam presentes numa seara que permitia a vulnerabilidade de sua existência e o difícil acesso aos mecanismos de proteção. [...]. Outra perspectiva possível para fins de análise é que existiam interesses e relações distintas em detimentos as informações contidas nas linhas da *Gazeta de Alagoas* e a população civil, portanto, há uma predisposição em noticiar de determinada forma – geralmente sensacionalista e pejorativo aos mais pobres, contudo, é

2 Refere-se à interseção de fatores anteriores e externos aos acontecidos no momento do ‘exercício da violência’, percebendo as valências dessas microestruturas. À vista disso, para Dijk (2020, p. 21), o contexto entende-se como o ponto de flexão entre o factual acontecido e seus caracteres específicos nos quais não seria possível dimensionar o que é/foi este factual.

3 Compreende-se como a retórica de conveniência particular de um grupo/indivíduo perpetrada sobre uma coletividade na qual há interesse que determinadas informações/saberes sejam colocadas a convívio deste grupo. Os discursos – quer sejam para Dijk (2018; 2020), Foucault (2013a; 2013b; 2014a; 2014b), Santos (2011), Paglia (2023), Mbembe (2018) e Chartier (2022) –, mantém intrínseca relação com o ‘poder’ e suas formas de exercício. Destarte, os discursos são formas de exercício de poder que atendem as necessidades do(s) grupo(s) que possuem os mecanismos de acesso para promulgá-lo.

4 Para os limites do presente texto, comprehende-se a explicação supracitada para ‘periódico’.

5 Remete-se a conjunção das especificidades dos discursos, os interesses diretos e indiretos e, sobretudo, a apresentação enquanto estrutura em um meio de propagação para a população – o jornal *Gazeta de Alagoas*, para os limites do texto.

6 Trata-se de um projeto de pesquisa para seleção de mestrado que tempo por competência de interesse investigar a violência contra crianças e adolescentes em Maceió.

fundamental ressaltar que o relato da notícia apurada pelo reporte é singular de acordo com a comunidade onde o fato ocorreu. Destarte, a violência contra a mulher é percebida como exceção da vida cotidiana dos mais ricos e, necessariamente, algo raro de se acontecer, entretanto, aos mais pobres, ressaltando as mulheres ‘não brancas’, as ações sofridas foram tratadas como problemas da sociedade, mas adota características de normalidade à periferia que, aos pobres, assim seja (Paulino, 2023, p. 79).

A compreensão dos interesses particulares que perpassam o editorial do periódico, como ressalta o autor na citação supracitada, aponta para uma das formas nas quais os costumes (Thompson, 1998, p. 86) enxertam-se no seio familiar. Isto posto, destaca-se que existiu/existe uma estruturação discursiva e seus acessos à construção destes discursos (Dijk, 2018, p. 89) que, de forma invariável, interpela na dinâmica particular das famílias e, por conseguinte, se torna constante no cotidiano das mesmas.

No azo dessas acepções, o corpo documental no qual se versa as análises da presente pesquisa retoma o recorte temporal do século XXI e, por conseguinte, a separação, leitura e análises desse mesmo material. Nesse certame, juntam-se – enquanto fonte de estudo e pesquisa – os dados institucionais ‘Atlas da violência’ e ‘Mapas da violência’. Nesse sentido, fora separadas 691 (seiscentas e noventa e uma) notícias sobre violência em contexto intrafamiliar em um período de uma década de publicações, todavia, os números das pesquisas institucionais desvelam que o número de casos é, excepcionalmente, maior, como mostra a reportagem trazida pelo próprio periódico sobre o Estado de Alagoas:

ESTATÍSTICA NEGATIVA – Assassinatos batem recorde em Maceió:

Do dia 1º de janeiro de 2008 até ontem às 21 horas, o número de pessoas assassinadas e que tiveram corpos necropciados no Instituto Médico Legal de Maceió (IML) somou 139. A média bate recorde, chega a 4,48 homicídios por dia. Em entrevista à *Gazeta*, no final do ano passado, o chefe do Centro de Operações da Polícia Militar (Copom), major Carlos Luna, informou: a média de 2007 era de três homicídios diários na capital. Pouco tempo atrás, considerada pacata, Maceió, em 2006, registrou 899 assassinatos, mais do que Brasília e Fortaleza (CE). Tamanha matança rendeu à cidade o 6º lugar – entre as 5.564 do País – no ranking dos municípios com maior número absoluto de homicídios⁷.

A matéria do *Gazeta de Alagoas* evidenciou uma realidade que seria constante no Estado de Alagoas – dentre as muitas questões acerca da violência e seus catalisadores (Paulino, 2023, p. 137) –, a pobreza é percebida, nos limites das análises no periódico, como o determinante com maior recorrência. Acerca disso, ressalta-se a relação entre a vulnerabilidade da instituição família é diretamente afetada pela inserção da mídia no cotidiano da mesma – ao que compete o presente texto, a mídia impressa, *Gazeta de Alagoas* –, evidenciando os vulneráveis, reforçando o sentido de distância e afastamento entre os núcleos familiares de uma mesma comunidade e, por fim, invisibilizando a

⁷ SERQUEIRA, CARLA. ESTATÍSTICA NEGATIVA - Assassinatos batem recorde em Maceió: Média de homicídios por dia na capital chegou a 4,48 em janeiro, contra 2,6 em 2006, quando cidade ficou entre as mais violentas. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, Alagoas, 1 fev. 2008. CIDADES, p. A12.

estrutura familiar que ver-se cercada de múltiplos discursos imputando-lhe a concepção de ‘instituição incorruptível’. Ainda sobre os dados apresentados pelos grupos distintos de fontes, Paulino (2023) traz:

As diferenças entre as matérias jornalistas e as pesquisas acerca do número de casos de violência e as variações em detrimento do passar dos anos não são excludentes em absoluto, pois, advém de intenções distintas e, nesse sentido, possibilitam estudos e percepções sobre o tema da violência contra a mulher. Ressalta-se que, tratar da violência contra a mulher exige-se contemplações e reflexões sobre os conceitos e os entendimentos que, ao tangenciar demasiados estudos, os entendimentos adotam estruturas distintas. [...]. A partir das acepções da violência simbólica trabalhadas por Bourdieu (2020), possibilita-se construir uma concepção sobre o conceito de violência – tendo como referência última o ataque contra a mulher. No entendimento da relação entre os sexos, permeia-se um liame de poder e submissão entre as partes, contudo, nesses termos, pode-se caracterizar que o conceito de violência, também, pode ser entendido como a restrição da liberdade da parte submissa em detrimento da vontade da parte opressora. A significância dessa percepção preliminar sobre o entendimento da agressão não ignora e tampouco rompe com as que estão contidas nas seqüências anteriores, consequentemente, reforça algumas das ideias e avança nas reflexões dos estudos (Paulino, 2023, p. 111-112).

Destarte, a violência intrafamiliar nas páginas do periódico é, sobretudo, uma violência simbólica (Bourdieu, 2020, p. 61), pois categoriza em estruturas imagéticas quais os vulneráveis e quais seriam os submissos. Nesse ínterim, a violência simbólica perpassa-se nos sujeitos constituintes da família e, desemboca na íntima relação entre as partes no que tange as dimensões de poder e, por conseguinte, o exercício do mesmo – violência.

COTIDIANO DE FORMA VULNERÁVEL – CONTEXTO⁸ E RELAÇÃO DE PODER⁹

Ao tratar de crianças e adolescentes no que diz respeito às possibilidades de vulnerabilidade na vida experienciadas por estes, o exercício de poder, quando versado, pelos genitores, seu vetor de ação mirar para o menos potente no exercer a individualidade particular, eis que os infantes experimentam o suplício (Foucault, 2014b, p. 35). Noutros termos, numa família na qual a imposição da vontade ultrapasse os limites da razoabilidade e educação, as crianças tornam-se alvos frágeis para o exercício do poder de outrem sobre eles. Arendt (2022) argumenta sobre a violência que perpassa a história e as instituições:

8 Refere-se ao conceito que Van Dijk (2020) trabalha para salientar sobre os assuntos circundantes que permeiam os objetos, fornecendo-lhes um contexto específico. Noutros termos, os contextos que se percebem determinados objetos de estudos inferem-se diretamente sobre o mesmo objeto. DIJK, Teun A. van. **Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva**. 1ª. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. p. 159.

9 Compete, sobre o conceito, o entendimento das relações diretas entre dois corpos/grupos distintos que se relacionem em seu próprio meio e, nesse ínterim, exerçam vontades e resistências entre si. À vista disso, portanto, ‘relação de poder’ compreende-se como a atividade de disputa, no mesmo contexto, entre dois polos que desempenham dominância e resistência mutuamente; FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2013b.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. Isso indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos (Arendt, 2022, p. 17).

O contexto (Dijk, 2020) vivenciado pelos infantes é concomitante à realidade expressa por Arendt (2022) ao tocar de forma tangencial acerca da violência e, sobretudo, em seus efeitos continuados quanto ao exercício da individualidade de um impondo-se à vontade do outro – a supressão da liberdade de vontade individual (Arendt, 2014, p. 188). Nesse ínterim, a vontade individual do homem se sobrepõe à mulher – na dimensão prática à vista da imposição da vontade –, e, por conseguinte, a vontade da mulher sobrepõe-se à vontade dos filhos. Todavia, em um panorama que a violência/exercício de poderem exacerbo não seja factual/comum ao ambiente, o ambiente denota-se com condições favoráveis à criação adequada da prole e da continuidade da relação entre o pai e a mãe.

À vista dos demais preceitos trabalhados no transcorrer do presente texto, um caso noticiado pela *Gazeta de Alagoas* – dentro as muitas possibilidades de notícias –, reúne todas as características e relações – diretas e indiretas – no azo das análises acerca da situação vulnerável das crianças e adolescentes no ambiente intrafamiliar. Nesse panorama, o caso supracitado acompanha a confiança/desconfiança que os filhos tinham em relação à mãe, a impossibilidade de intervenção do pai – que se encontrava afastado da família para afastar-se da ex-mulher – e o exercício de poder e supressão da liberdade elevada ao máximo de possibilidade da imposição.

MACABRO.

Mãe dopou, amarrou e matou 2 filhos: Arlene dos santos é acusada de praticar crimes depois de obrigar seus três filhos à ingestão de suco com gotas de tranquilizante.

A dona-de-casa Arlene Régis dos Santos, 35 anos, pingou cinco gotas de Rivotril no suco de cada um dos três filhos para fazê-los dormir profundamente e, pouco antes das 3 horas da manhã de ontem, começou a matá-los. O caçula, Anthony Pedro Santos Nobre, de 7 anos, tinha os pés amarrados e foi esganado pela mãe até morrer. O do meio, Abelardo Pedro Nobre Neto, de 11, foi encontrado com um tecido enforcando o pescoço, um terço na mão e quase dez facadas no lado esquerdo do peito e próximo à jugular. O mais velho, de 15 anos, só ficou vivo porque decidiu jogar fora o suco materno. Na noite anterior, o adolescente A.P.S.N. desconfiou do remédio tarja preta oferecido pela mãe e resolveu cuspir e derramar o resto do suco sem ela ver. Também não aceitou o convite para dormir no quarto dela com os irmãos menores. O rapaz contou a parentes e vizinhos que já se acordou com a mãe tentando matá-lo enforcado, mas conseguiu se livrar dela, ainda viu Abelardo agonizando e fugiu para pedir socorro na casa ao lado¹⁰.

¹⁰ GONÇALVES, Maurício. MACABRO: Mãe dopou, amarrou e matou 2 filhos: Arlene dos santos é acusada de praticar crimes depois de obrigar seus três filhos à ingestão de suco com gotas de tranquilizante. **Gazeta de Alagoas**, Maceió,

A matéria supracitada evidência uma série de características das quais foram detalhadas nas linhas anteriores do presente texto, contudo, dessas nuances, ressalta-se a ausência do pai das crianças, a desconfiança do filho mais velho, a vulnerabilidade que as crianças estavam sujeitas e, por conseguinte, a fatalidade do caso que não houve nenhum tipo de intervenção anterior para proteger as crianças da própria família. Dos demasiados caracteres simbólicos da agressão suscitada na notícia, se expressa à desconfiança que o filho mais velho detinha em relação à mãe – característica não desenvolvida pelos mais novos –, permitindo, nesse sentido, propor a reflexão de que haveria algo no tratar das crianças que incutiu no mais velho o sentido de preservação em detrimento a própria mãe. Nesse aspecto, a questão a ser feita é – de cunho demasiado incisivo – ‘*não existia nenhum adulto/familiar que pudesse ter notado o comportamento dessa mãe que, consequentemente, foi suficiente para que o filho primogênito construísse cautelas*’?

Ainda sobre o mesmo caso noticiado pelo periódico *Gazeta de Alagoas*:

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Arlene tinha ameaçado marido e filhos: Abelardo nobre, pai das crianças, separou-se da acusada um ano e meio atrás porque teria percebido seu desequilíbrio emocional.

Vizinhos da casa de número 81 da Rua Caraú, na região do Aero clube, Tabuleiro do Martins, contam que Arlene dos Santos não aceitava a separação do marido, o professor Abelardo Pedro Nobre Júnior, e já tinha feito ameaças contra ele e os filhos. O pai das crianças afirma que se separou há um ano e meio, que percebia o desequilíbrio emocional da ex esposa, mas nunca tinha imaginado que ela faria qualquer coisa contra os meninos. “Ela sempre se mostrou uma boa mãe e gostava muito dos filhos mais novos, mas, após a separação, ficava dizendo que era capaz de fazer uma loucura, de me matar e tirar a própria vida, mas nunca ameaçou fazer nenhum mal a eles”, informa Abelardo. Já a acusada disse que Abelardo tinha voltado para ela desde o dia 17 de fevereiro deste ano, mas também falou que o marido não havia dormido em casa na noite do crime. O professor admite que mantinha uma boa relação com a ex esposa por causa da convivência com os filhos, mas garante que o relacionamento tinha acabado. Vários vizinhos afirmam que ele frequentava a casa e, muitas vezes, dormia por lá. Parentes e amigos revelam que o casal brigava muito por causa de questões religiosas. Após sair do candomblé e ingressar em uma igreja evangélica, Arlene insistia muito para o católico Abelardo também virar evangélico. Esse teria sido o motivo da primeira separação¹¹.

O desdobramento do caso, na versão apurada pelo repórter, suscita a pergunta feita no parágrafo anterior. Ao que traz a notícia, os vizinhos tinham informações sobre a dinâmica do casal, o pai tinha ciência das ameaças e não houve ações de interferência para salvaguardar a integridade das crianças. Dessarte, a violência simbólica (Bourdieu, 2020, p. 61), a supressão da liberdade (Arendt, 2014, p.188) o suplício experienciado pelas

Alagoas, 30 set. 2009. CIDADES, p. A11.

11 GONÇALVES, Maurício. TRAGÉDIA ANUNCIADA: Arlene tinha ameaçado marido e filhos: Abelardo nobre, pai das crianças, separou-se da acusada um ano e meio atrás porque teria percebido seu desequilíbrio emocional. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, Alagoas, 30 set. 2009. CIDADES, p. A12.

crianças (Foucault, 2014b, p. 35) – sobretudo o mais velho – e, por fim, o exercício de poder (Foucault, 2013b, p. 346) expresso enquanto violência (Bobbio et. al, 2000, p. 1293; Chauí, 2021) contra os mais vulneráveis e invisíveis as estratégias de prevenção destes ataques/agressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho dedicou-se à análise da interrelação entre a violência direcionada a crianças e adolescentes e a configuração da família enquanto espaço atravessado por fragilidades estruturais. Tomando como corpus principal o jornal *Gazeta de Alagoas*, a pesquisa emprega a mídia local como instrumento documental privilegiado para compreender os discursos e práticas sociais que se articulam em torno dessa problemática. Os resultados indicam que o periódico, condicionado por interesses de natureza econômica e sociopolítica, tende a reproduzir narrativas que naturalizam a violência nas camadas populares, sobretudo nos ambientes domésticos, ao passo que suaviza ou relativiza situações análogas em contextos pertencentes às elites. Tal constatação evidencia a força simbólica dos discursos midiáticos e suas repercuções na forma como a sociedade interpreta a violência e os dispositivos de proteção.

Observou-se que o *Gazeta de Alagoas* atua como um instrumento de reprodução do status quo, alinhando sua linha editorial aos anseios das classes dominantes. A seleção de pautas revela um viés que, ainda que de forma velada, associa grupos vulneráveis à criminalidade e à desordem social, o que contribui para a estigmatização de famílias de baixa renda e reforça uma leitura naturalizada da violência doméstica nesses núcleos. Esse panorama reforça a urgência de problematizar os discursos legitimadores da desigualdade e da exclusão.

O estudo também aborda o modo como a noção de família, concebida simultaneamente como espaço de cuidado e de conflito, é profundamente influenciada por valores culturais e normas sociais disseminadas tanto na esfera pública quanto na privada. A idealização da estrutura familiar, enquanto pilar simbólico do imaginário coletivo, dificultou o reconhecimento da violência cotidiana que incide sobre crianças e adolescentes, tornando-a invisível ou distorcida nos relatos midiáticos. Assim, o jornal analisado não apenas noticia os fatos, mas participaativamente da produção de sentidos que impactam diretamente a compreensão da dinâmica familiar.

Neste cenário, é crucial reconhecer que os meios de comunicação não operam como transmissores neutros da realidade, mas como agentes constitutivos de representações sociais e de mentalidades coletivas. A análise do *Gazeta de Alagoas* revela o emprego de estratégias discursivas que colaboraram com a manutenção das estruturas de poder existentes e reforçam a percepção de vulnerabilidade infantojuvenil nas famílias periféricas, contribuindo para a cristalização de narrativas excludentes.

Destarte, a pesquisa reitera a importância de investigações críticas sobre o papel dos discursos midiáticos na conformação das representações sociais da violência no espaço familiar alagoano. Compreender as conexões entre mídia, violência e família revela-se imprescindível para a formulação de políticas públicas eficazes e comprometidas com a proteção integral de crianças e adolescentes. Diante disso, impõe-se a continuidade do debate acadêmico e institucional, bem como o fortalecimento de mecanismos de controle social que assegurem a responsabilização da mídia frente à sua atuação na normalização da violência contra os segmentos mais vulneráveis da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARENKT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7^a ed. São Paulo. Perspectiva. 2014.

_____. **Sobre a Violência**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2022

ARIES, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro. 2^o edição, 2012.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 5. ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2000. 667-1318 p. v. 2.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 18^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CHARTIER, Roger. **Verdade e Prova**: História, Retórica, Literatura, Memória. *In*. Rev. Hist., n.181, a00821, 2022 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.181759>. São Paulo. Dossiê Autoria e Autoridade. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a Violência**. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 317 p. v. 5.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando As Margens: Interseccionalidade, Política Identitárias E Violência Contra Mulher De Cor. *In*. **Corpos em Aliança**: Diálogos Interdisciplinares sobre Gênero, Raça e Sexualidade. Org. MARTINS, Ana Claudia Aymoré & VERAS, Elias Ferreira. Maceió - AL. 2020. p 24-99.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. 2^a. ed. 4^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. van. **Discurso e Contexto**: Uma abordagem sociocognitiva. 1^a. ed. 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

GONÇALVES, Maurício. MACABRO: Mãe dopou, amarrou e matou 2 filhos: Arlene dos santos é acusada de praticar crimes depois de obrigar seus três filhos à ingestão de suco com gotas de tranquilizante. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, Alagoas, 30 set. 2009. CIDADES, p. A11.

GONÇALVES, Maurício. TRAGÉDIA ANUNCIADA: Arlene tinha ameaçado marido e filhos: Abelardo nobre, pai das crianças, separou-se da acusada um ano e meio atrás porque teria percebido seu desequilíbrio emocional. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, Alagoas, 30 set. 2009. CIDADES, p. A12.

FARIA, Sheila de castro. História da Família e Demografia Histórica. *In*. **Domínios da História**. Org. Ciro Flamarión Cardoso, Ronaldo Vainfas. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013a.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2013b.

_____. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France. 24^a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 42^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

_____. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**: Cultura e Globalização. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. – Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2019.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. – Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2017a.

_____. **Topologia da Violência**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. – Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2017b.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina (Orgs.). 1^a. ed. 5^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais**: Arte e decadência de Nefertiti a Emily Dickinson. Campinas/São Paulo: Vide Editorial, 2023.

PAULINO, Rafael Vieira de Britto. **Violência contra as mulheres**: interdição, contexto e enfrentamento em Maceió (2007- 2015). Orientador: Antônio Alves Bezerra. 2023. 164 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Maceió, Alagoas, 2023.

SAFFIOTI, Helieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2^a ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um Novo Senso Comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Revisão Técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.